



Universidade de Brasília

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

José Henrique Nazareth,

Very Well,

um vídeoperfil

Aluno: Dalai Coutinho Solino – 09/0022963

Docente orientador: Paulo Paniago

Brasília
2013

José Henrique Nazareth,

Very Well,

um videoperfil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos meus amigos envolvidos de forma direta e indireta neste trabalho. Às vezes passamos por momentos de desânimo, desespero com alguns obstáculos, mas alguns me ajudaram de uma forma ou de outra. Agradeço à Lara Barbosa por me apoiar durante um bom tempo e me encorajar, por ter sido um porto seguro quando pensei em fraquejar. Agradeço à minha mãe, Aliene Coutinho, por ser um braço em muitas horas. Agradeço à Martin Swantes por me ceder os equipamentos que são tão preciosos e fruto do trabalho dele. Agradeço à Samyr Alves por resolver problemas que para ele parecem tão ridículos no meu computador. Agradeço à Leonardo Peixe por me auxiliar com a edição do vídeo. Muitas outras pessoas também serviram de inspiração, seja observando, seja em conversas, ou dicas para tentarem me ajudar. Agradeço a Paulo Paniago, meu professor orientador por me ajudar nesta etapa tão importante da vida.

Agradeço principalmente à José Henrique Nazareth, por, mesmo sem lembrar com muita precisão das histórias, fez um esforço e com toda paciência me contou um pouco da vida dele. Agradeço também à Leonardo Faro Nazareth, filho de José Henrique, por me auxiliar nos contatos e apoiar o projeto, assim como à esposa de José Henrique, dona Miriam Nazareth.

RESUMO

José Henrique Nazareth, Very Well, um videoperfil – é um trabalho em formato de vídeo que mostra um pedaço da vida do servidor público de 78 anos, que trabalhou no Palácio do Planalto por 51 anos, testemunha de fatos históricos do Brasil.

Um servidor que nos bastidores do Planalto, atravessou os anos de ditadura militar até a abertura política. Trabalhou no gabinete presidencial e nos últimos anos, antes da aposentadoria, no comitê de imprensa do Palácio, onde ganhou o apelido de Very Well, por misturar o inglês com o português na hora de cumprimentar as pessoas. Uma figura conhecida, considerada quase folclórica pelos jornalistas que fazem a cobertura política do país, parte da história do Palácio.

Palavras chave: jornalismo, Palácio do Planalto, videoperfil, documentário, José Henrique Nazareth.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
OBJETIVOS	7
JUSTIFICATIVA	8
REFERENCIAL TEÓRICO	9
METODOLOGIA	12
RESULTADOS ESPERADOS	17
BIBLIOGRAFIA	19

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como objetivo mostrar e apresentar um personagem que faz parte dos bastidores do Palácio do Planalto, em formato de videoperfil. Utilizando linguagem coloquial, José Henrique Nazareth, apelidado pelos jornalistas que fazem a cobertura presidencial como Very Well, relembra, aos 78 anos, com muita dificuldade, um pouco da vida profissional, da convivência com presidentes civis e militares, como se fosse uma conversa com o telespectador.

O trabalho faz uso da técnica biográfica de apuração e entrevista para desvendar um personagem. Very Well foi escolhido por ser uma figura folclórica dos bastidores palacianos, onde trabalhou por 51 anos. Ao aposentar-se no início de 2013, foi homenageado pelos principais veículos de comunicação, com matérias inclusive em rede nacional.

O vídeo, de oito minutos e 54 segundos, utiliza recursos televisivos, no qual o depoimento do personagem, e de outras pessoas que o conhecem, se mistura com imagens, traçando assim um ponto de vista da vida real.

1. OBJETIVOS

1.1 - Geral

Retratar um ponto de vista sobre a vida de José Henrique Nazareth, conhecido como Very Well, no Palácio do Planalto, local onde trabalhou 51 anos. Mostrar o dia a dia, antes e agora, e revelar um pouco da história do personagem em formato de vídeo.

1.2 - Específico

Aprofundar a experiência em narrativas e usar técnicas de apuração para conseguir trazer detalhes e especificidades do personagem.

Trazer detalhes inéditos e curiosos dos bastidores do Palácio do Planalto.

Contar a história por meio de depoimentos da família e colegas de trabalho, além dos relatos do próprio personagem.

Registrar, de forma sucinta e documental, a vida de um homem que foi servidor público por 51 anos e testemunhou parte da história política do Brasil

2. JUSTIFICATIVA

O papel de um jornalista vai além de retratar acidentes, fatos políticos e econômicos. O jornalista é um contador de histórias da vida real, repleta de personagens que servem de exemplo para a sociedade e como tal merecem ser retratados e homenageados. Assim, como um contador de história, pretendo levar aos espectadores do vídeo a trajetória de um homem que se confunde com a história política do país por ter trabalhado 51 anos no Palácio do Planalto.

Esse homem é José Henrique Nazareth, mais conhecido pelos jornalistas que fazem a cobertura diária do Palácio do Planalto como Very Well, por sempre brincar com a linguagem, misturar palavras do português com o inglês na hora de cumprimentar as pessoas. Very Well, trabalhou os últimos anos antes da aposentadoria no comitê de imprensa do Palácio, era uma espécie de “faz tudo”, ajudava aos jornalistas desde comprar um lanche, tirar xerox de documentos e arquivos, mantinha o comitê sempre organizado, e animava o ambiente, muitas vezes tenso pela cobertura jornalística.

José Henrique Nazareh não foi apenas um servidor público, mas conviveu com presidentes militares e civis, é portanto uma testemunha da história, que merece ficar na memória, registrado em vídeo. Não foi apenas por simpatia que ele ao se aposentar virou notícias nos principais jornais do País, o que chamou minha atenção e meu interesse em também ter um pouco da vida desse homem que hoje vive de forma simples, em um casa no Cruzeiro-DF, de onde sente saudades pelo tempo que trabalhou nos bastidores da notícia.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Videojornalismo

Um novo formato de jornalismo de produção diferenciada que vem sendo reconhecido no Brasil é o videojornalismo. O profissional também chamado de videojornalista ou repórter-abelha é capaz de participar de todo o processo de produção da reportagem.

Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima definem a vídeo reportagem como algo que estabelece o conceito de que o repórter é capaz de produzir sozinho uma reportagem para a televisão. Ele filma, entrevista, conta história, edita e pode até apresentar a reportagem que fez.

Ou seja, o vídeo jornalista é considerado a “equipe” de uma só pessoa. Isto contrapõe à equipe tradicional que reúne repórter, produtor, editor, cinegrafista, iluminador, operador de áudio e motorista. Independentemente do gênero jornalístico adotado (reportagem, grande reportagem ou documentário, o que mais se aproxima do meu objetivo), é exigido do profissional o domínio de diferentes funções.

3.2 Documentário

O documentário, gênero que também busca retratar uma realidade, se aproximou do que chamei de videoperfil, um vídeo que dá um ponto de vista sobre um personagem, buscando trazer detalhes da vida atual e passada. Assim o espectador pode conhecer alguns aspectos de José Henrique Nazareth, o videoperfilado do meu trabalho, no caso.

Usei leituras sobre documentários e documentaristas como base teórica, assim, vejo como um ponto importante lembrar a trajetória documental pelo mundo e no Brasil.

3.2.1 História do documentário

Tudo começou em 1877, com o inglês Eadweard Muybridge, que desenvolveu um espectro de fotografias em sequências de cavalos em trote, dando a impressão de movimento. Em 1891, o americano Thomas Edison patenteia o kinetoscópio, que registra imagens em filme. O espectador observa as imagens em movimento por uma caixa iluminada.

Os irmãos Lumière, em 1895, realizam a primeira sessão pública de cinema em Paris com duas documentações do cotidiano: *A chegada de um trem na estação* e *A saída dos operários da fábrica Lumière*.

Em 1919, o cineasta russo Dziga Vertov lança um manifesto por um novo estilo de reportagem cinematográfica que documente a realidade. Em 1922, ele começou a

produzir *Kino Pravda*, uma série de reportagens cinematográficas que antecipa em quatro décadas o cinema *vérité*, verdade.

O termo documentário foi definido em uma resenha para o *New York Sun*, em 1926, com o tratamento criativo da atualidade, pelo escocês John Grierson. O brasileiro Alberto Cavalcanti, com uma filmagem em Paris, chamou a atenção do escocês pelas suas teorias sobre a função de ruídos e palavras. Por isso, foi convidado a fazer parte de um grupo britânico que desenvolveu o documentário moderno. Cavalcanti contribuiu com filmes marcantes.

Em 1928, Vertov filma *O homem com a câmera de cinema*, que retrata um dia em Moscou, e proclama que o simples registro da realidade não é o suficiente e que deve ser ampliada pelo poder da “câmera olho”.

A cineasta alemã Leni Riefenstahl, em 1934, foi contratada por Hitler para documentar o congresso do partido Nazista. O resultado, *Triunfo da vontade*, é referência até hoje na utilização de técnicas documentais para amplificar a propaganda por conta de sua estética, embora o projeto nazista seja abominável.

Frank Capra, em 1942, começa a produzir documentários de propaganda de guerra para o governo americano. Surgiram grandes nomes, entre eles a equipe de Walt Disney.

Na mesma época, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas institui o Oscar de melhor documentário e premia *A ilha de Churchill*, que conta a história da resistência britânica contra a Alemanha, produzido pelo National Film Board, do Canadá.

Em 1960, Jean Rouch filma *Crônica de um verão* com o sociólogo e crítico Edgar Morin. Ele coloca seus personagens diante de diversas possibilidades dramáticas e os encoraja a improvisar. No mesmo ano, os cineastas Richard Leacock e Robert Drew acompanham os candidatos John Kennedy e Hubert Humphrey durante as campanhas. O resultado foi *Primárias*, documentário considerado o pai do cinema direto.

Wolf Koenig produz, em 1962, *Lonely Boy*, sobre o cantor Paul Anka. Precursor dos filmes sobre concertos, sustenta a ideia de que os cineastas não devem observar a obra de fora, mas estar integrados a ela, porque o processo em si já é parte da realidade da obra. Em 1967, os filmes fortalecem uma tendência de documentários sobre dramas da vida real, que seriam distribuídos com relativo sucesso. Frederick Wiseman lança *Titicut Follies*, o primeiro de uma série de documentários eticamente controversos e altamente críticos de instituições governamentais. A revolução cultural em 1968 dá origem em todo mundo a documentários engajados que fundariam uma escola ativa até hoje.

3.2.2 O documentário no Brasil

Marco zero do cinema brasileiro, nas primeiras tomadas dos irmãos Segretto, no início do século XX, da Baía de Guanabara, o documentário ganhou uma cara mais

definida em meados dos anos 1970 e meados dos anos 1980. Um cinema direto, cru, abriu janelas para um Brasil real na era da ditadura. Filmes de denúncia social, com temas como a miséria nordestina, a loucura, os índios, a prostituição, entre outros, eram produzidos com equipamentos leves, aproveitando a luz natural das cenas e gravados em som direto.

Sucessos como *Edifício Master*, de Eduardo Coutinho, *Janela da Alma*, de João Jardim e Walter Carvalho e *Nelson Freire*, de João Moreira Salles vieram reafirmar a força do gênero no Brasil. Um cinema que caminha em várias vertentes para o futuro, sem desprezar o passado. Os caminhos do cinema documental aparecem, sendo traçados com profissionalismo e objetivos claros.

Vladimir Carvalho, que trabalhou com Eduardo Coutinho, também tornou-se um dos grandes nomes do documentário brasileiro. Professor da UnB, dirigiu *Conterrâneos velhos de guerra*, um dos seus filmes mais premiados.

Mais recentemente, Vladimir Carvalho lançou *Rock Brasília: Era de ouro*, prêmio de melhor documentário do festival de Paulínia em 2011.

Cineastas buscam temas novos e linguagens renovadoras para trazer ao gênero o mesmo prestígio que a ficção. O documentário tem importância no relato de fatos de interesse social. Vem, insistentemente, sendo analisado em função de suas relações com a realidade. São tratados os temas mais difíceis de digerir na sociedade: o desaparecimento de pessoas nos presídios, o porte de armas, a perseguição às minorias, a falência de um projeto político nacional, violência e outros. Hoje se tem um momento importante da produção de documentários, que chega a ocupar circuitos importantes de distribuição e índices de público inéditos.

O comportamento do mercado contribuiu para a aceleração das produções. Com o barateamento das câmeras digitais, documentaristas tiveram acesso aos equipamentos. A nova tecnologia deu impulso ao cinema digital, que é ágil e barato.

4. METODOLOGIA

4.1 Quem escolher

Na época em que buscava um personagem para contar uma história, José Henrique Nazareth se aposentou. A aposentadoria foi noticiada em diversos jornais e meios de comunicação, em fevereiro de 2013. Com essas primeiras informações de quem era José Henrique Nazareth, montei um roteiro prévio e marquei as entrevistas.

Para realizar as filmagens utilizei uma câmera Sony VX 2000 e um microfone do tipo lapela com fio, ECM 55B. Escrevi o roteiro, produzi, e filmei tudo sozinho, o que, por falta de experiência, me causou algumas dificuldades técnicas.

Zé Henrique, 78 anos, está com a memória afetada pela idade, o que tornou o trabalho mais difícil. Deixá-lo à vontade e sempre em companhia da mulher ou de um dos filhos foi uma das estratégias adotada para que a conversa fluísse e ele pudesse recordar-se dos momentos vividos no Palácio do Planalto, entre presidentes do Brasil e colegas jornalistas. Assim, minha atenção era mais exigida para fazer a pergunta certa na hora certa e conseguir uma resposta satisfatória. Em alguns momentos a interferência, principalmente da esposa, era excessiva, o que me deu certo trabalho para editar.

4.2 Entrevistas

Os contatos aconteceram pessoalmente. Antes liguei para explicar quem era e qual era meu objetivo. Durante algumas semanas liguei e combinava dia e hora, quase sempre terça pela manhã, entre nove e dez horas. Foram uns cinco encontros na casa do personagem. Assim ele teria apoio da mulher e filho, que sempre estavam ao lado, já que também não se sentia a vontade de ir a outros lugares, nem no antigo trabalho. Mantive o personagem por sua participação histórica, e acreditei que mesmo com as dificuldades impostas pela idade era possível criar uma existência, um videoperfil.

Deixar claro que os indivíduos filmados não precisam ser, necessariamente, bons contadores de história... O princípio de acompanhar indivíduos durante um certo tempo lhes confere uma existência cinematográfica que não se restringe ao que eles possam eventualmente dizer. (LINS; MESQUITA, 2008: 34)

Ele estava acostumado a dar entrevistas. Em casa, guarda uma série de recortes de jornais que mostram a proximidade dele com presidentes e outros personagens da política brasileira. Os recortes também mostram o bom humor e o lado boa praça de José Henrique.

Consegui também boas imagens do arquivo pessoal de José Henrique. Fotos com presidentes, jornais antigos, quadros com ele bem jovem, ingredientes que enriquecem de certa forma o trabalho e dão apoio ao que é falado.

4.3 No Palácio do Planalto

No local onde José Henrique trabalhou tanto tempo, local de trabalho de muitos presidentes nas últimas cinco décadas, as entrevistas foram mais naturais. Jornalistas acostumados com o processo do trabalho falaram e demonstraram um pouco da personalidade do personagem. Todos afirmaram que ele fazia falta ali e que Very Well também deveria estar saudoso do ofício.

As imagens feitas na casa do personagem e no local do trabalho foram pensadas de forma a trazer o que ele vê, o que representa dentro daqueles ambientes, algo mais próximo à realidade do personagem, em meu ponto de vista.

Tive apenas uma manhã para fazer as imagens no Palácio. A assessoria de imprensa me ligou, depois de muitos pedidos de autorização, informando no mesmo dia, que eu poderia filmar naquela manhã, já me indicando algumas pessoas com quem poderia falar, que conheceriam José Henrique.

Minha intenção era criar a menor interferência possível, o menor dos dispositivos. A noção de dispositivo remete à criação, pelo realizador do trabalho, de um artifício ou protocolo produtor de situações a serem filmadas. Conceito trazido no livro *Filmar o real*, de Claudia Mesquita e Consuelo Lins. Embora já tivesse algumas ideias fixas de como conduzir as entrevistas e imagens, minha tendência era sempre deixar acontecer e filmar, na tentativa de um trabalho mais direto. Fernão Pessoa Ramos, no livro, *Mas afinal...o que é mesmo documentário?* fala que em um primeiro momento do cinema direto, acredita-se em uma posição ética centrada no recuo do cineasta em seu corpo-a-corpo com o mundo (RAMOS, 2008: 269).

A intenção era permitir que José Henrique se exibisse, mostrasse da forma como quisesse quem é. O personagem sabia de minha intenção e sabia que papel iria encenar.

4.4 Edição

Foram capturadas cinco fitas mini DV com cerca de 30 minutos cada de filmagem. Com pouca habilidade, tive ajuda de um profissional para montarmos o produto final, durante as semanas iniciais de novembro de 2013.

A edição é uma parte delicada, para a qual é preciso ter sensibilidade, em relação a achar o momento exato de cortar uma fala, de pensar em uma música que combine e acrescente à cena; e ao mesmo tempo imparcialidade, no sentido de que o envolvimento com a história e com os personagens não o faça colocar algo que possa tornar o vídeo mais cansativo. É preciso cortar uma frase que não acrescenta nada à narrativa, mesmo que você goste do que foi dito.

Algumas falas que foram pensadas e colocadas no roteiro foram cortadas. Na edição é preciso se certificar de sempre deixar claro e limpo para o espectador entender a mensagem. Vera Iris Paternostro diz que “editar é uma arte. Não no sentido da criação artística, mas no sentido de lapidar a reportagem, usando seus

três ingredientes básicos – imagem, informação e emoção – para contar uma história no tempo certo” (PATERNOSTRO, 1999: 128).

É importante ressaltar que todas as partes de produção devem ser pensadas em conjunto, e por isso, o trabalho em equipe no jornalismo deve ser tão valorizado.

4.5 Documentário e o jornalismo

A escolha por um videoperfil foi feita pelo fato de além de funcionar como produção televisiva, similar a uma reportagem especial, gênero também semelhante ao documentário, foi possível contar uma história de forma mais direta, ou seja, o próprio personagem, familiares e colegas, é quem dão detalhes sobre a vida de José Henrique Nazareth, o Very Well.

Fernão Pessoa Ramos trata desta dualidade no capítulo *Mas... como distinguir reportagem de documentário?*, do livro *Mas afinal.. o que é um documentário?* Ele afirma que o documentário surge na beirada da narrativa ficcional, da propaganda e do jornalismo. O autor cita John Grierson, produtor inglês e um dos pioneiros do documentário inglês, para dizer que o documentário deve enunciar asserções de forma educativa. Uma narrativa documentária com tratamento criativo é posta em questão mais à frente, mas o autor não consegue limitar as fronteiras. Os dois estilos se utilizam e servem de inspiração um ao outro.

4.6 Semelhanças

Pré-apuração, produção, gravação, entrevistas, edição e pós-produção são processos essenciais para uma reportagem e documentário, no caso a documentação de parte da vida de José Henrique, o videoperfil.

Muitos programas de televisão populares fizeram e fazem uso da linguagem documental, como *Globo Repórter*, com temas variados e usando entrevistas, a base principal dos documentários televisionados.

4.7 Diferenças

Outros documentários, fora do circuito televisivo e das telas do cinema, têm maior diversidade técnica. As entrevistas quando acontecem, o que não é necessário, têm intervenções de outros personagens e até mesmo da equipe, geralmente identificadas com vozes ao fundo da fala do entrevistado, dando uma aparência de conversa, com maior proximidade e aspecto mais direto na relação espectador e produto.

Outro ponto são as imagens mais naturais ou puras, como Eduardo Coutinho, cineasta que começou a criar uma carreira no programa *Globo Repórter* e um dos mais influentes documentaristas brasileiros, costuma chamar as imagens em que não há personagens, sem uma preocupação em só mostrar o lado mais esteticamente agradável, as mais bonitas. A ideia de um ambiente com o som direto conta muito da história, trazendo além da conversa o ambiente em que o

filme acontece, trazendo cada vez mais o espectador para dentro da cena, causando a sensação de proximidade.

5. O PERSONAGEM

José Henrique Nazareth nasceu em Brazópolis, MG, em 1935. Cidade a 58 quilômetros de Campos do Jordão, SP, com mais de cem anos e pouco mais de 16 mil habitantes. A família era grande. José Henrique foi um dos últimos filhos de uma família de 12 irmãos. Na infância trabalhou com agricultura, pecuária, vendeu carne de açougue pela cidade. Ainda na adolescência caiu de um cavalo e ficou cego de um olho. Segundo ele, a única sequela do acidente foi na autoestima.

A vida pacata parecia não ser suficiente. Zé Henrique foi morar com um irmão mais velho no Rio de Janeiro, quando já estava perto dos 20 anos. Começou a vida, na antiga capital do país, lavando pratos em um restaurante. Lá, teve o primeiro contato com a língua estrangeira e ficou fascinado. Muitos estrangeiros frequentavam o local. No restaurante chegou a ser promovido à magarefe, espécie de açougueiro do restaurante.

Em seguida conseguiu um trabalho na força policial. Mas durou pouco tempo. Depois foi para o comitê desportivo de basquete. Lá trabalhou com os militares que comandavam os comitês esportivos. Chegou a ficar instalado dentro da casa de um dos almirantes da época. Tornou-se uma espécie de conselheiro, indo todos os dias a casa do chefe e dando palpites.

Ele lembra que uma vez um desses palpites o ajudou e salvou a vida do filho do almirante. Tinha amizade com a criança e ajudou o pai a convencer o menino a colocar um cinto, após muita insistência. Alguns minutos depois, quando estavam no carro, indo para algum compromisso do militar, quando faziam uma curva a porta de trás abriu e graças ao cinto o menino não caiu. Após o episódio foi concedido um cargo alto administrativo ao mineiro que começava a vida no Rio de Janeiro.

Nos comitês esportivos viu vários esportes, como basquete e vôlei, serem profissionalizados. Ele chegou a carregar a pé pelas ruas do Rio a taça Jules Rimet, que anos depois foi roubada da sede da CBF. Ele disse que naquela época as coisas eram muito mais tranquilas, não havia preocupação com roubos.

Logo depois passou em um concurso e foi trabalhar na presidência no palácio das Laranjeiras e do Catete. Foi nessa época que avistou na praia a futura esposa, Miriam. Ele já estava com 28 anos e ela tinha 15. Quando foi enfrentar o padrinho de Miriam, que era o responsável pela menina, Zé Henrique, como ele mesmo conta, fez uso da mineirice. Sempre se esgueirando pelas beiradas e nunca batendo de frente, assim conquistou a jovem e a família.

Pouco tempo depois foi designado para vir para Brasília, nova capital cheia de promessas, onde Zé Henrique viu uma chance de crescer na vida. Ele e a futura

esposa trocaram cartas durante um ano, até ele poder voltar para o Rio e casar. A nova cidade ainda estava sendo construída e Zé Henrique tinha ficado apaixonado, por Miriam e Brasília. Ele chegou a morar em alojamentos para solteiros e fez outro concurso, nas barcas do Rio de Janeiro. Assim conseguiu voltar e finalmente se casar com Miriam. Foi quando tiveram a primeira filha. Viriam mais outros sete. Agora pai, foi obrigado a voltar para Brasília e pensar no futuro da família.

A volta foi conturbada. Very Well veio para Brasília em um avião teco-teco. Ele foi encarregado de entregar o mais rápido possível, na capital, um documento no Palácio para assinatura do presidente que já estava em Brasília. Chovia muito aquele dia e para completar ele tinha medo de avião. Este decreto era a criação da Justiça Federal na capital. Cumpriu a missão. Depois foram muitas idas e vindas de Brasília para o Rio, e vice-versa. Miriam veio um tempo depois, mas não se adaptou. Para ela, não havia nada em Brasília para passar o tempo e se distrair enquanto o marido trabalhava.

Zé Henrique, já com família em Brasília, precisava de um lugar maior para morar. Solicitou e após algum tempo lhe deram uma casa no Cruzeiro, bairro perto do Plano-Piloto, área central de Brasília, onde moram até hoje.

Com a ditadura ele não teve muito problema. Para Zé Henrique, no Palácio do Planalto não aconteceram muitas mudanças. As mudanças vieram mais dentro de casa. O pai de família não podia comentar muita coisa e a relação familiar ficou mais fria. Para os outros, os filhos eram chamados “filhinhos de milicos”, mesmo não sendo.

Com o jeito mineiro a favor mais uma vez, Zé Henrique tinha uma relação amigável com os militares. Era o único civil a jogar bola com os oficiais, mesmo não podendo realizar jogadas e dribles que deixassem os militares em condições ruins.

Com a abertura do sistema político, ele sentiu-se mais à vontade para contar para a família as histórias do trabalho e dos governos militares. Recordar-se com dificuldade, mas cita nomes como João Goulart, Ulisses Guimarães e Tancredo Neves como bons políticos.

O presidente predileto foi Jango. Zé Henrique achou que João Goulart transmitia aos funcionários do Palácio do Planalto uma paz e energia de união. Foi na gestão de Jango que Very Well começou a trabalhar no Palácio e no comitê de imprensa. Organizou e deu o melhor de si. O trabalho foi reconhecido e desde lá, em 1961, até fevereiro de 2013, quando se aposentou, manteve uma boa relação com os jornalistas e outros funcionários da casa, inclusive presidentes.

6. RESULTADOS ESPERADOS

O que se espera é que este trabalho seja um registro da história de um personagem, contado de forma direta, simples e objetiva, e que o produto seja compartilhado em redes sociais e mesmo exibido em canais, como a UnB TV, para que todos possam ter acesso a história de um homem simples, embora testemunha dos bastidores da notícia, desde o Brasil da ditadura militar à abertura política.

BIBLIOGRAFIA:

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. *Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Campos, 2002.

BERNADET, Jean-Claude. *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LINS, Consuelo. *O documentário segundo Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Claudia. *Filmar o real*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... O que é mesmo documentário?* São Paulo: Senac, 2008.

FILMOGRAFIA:

Salles, João Moreira. SANTIAGO, Rio de Janeiro, 2007, Videofilmes.

SITES:

COSTA, Ricardo, "A outra face do espelho. Jean Rouch e o 'outro'". Texto no site <www.geocities.com>. acesso em junho de 2013.

<<http://www.brasilecola.com/datas-comemorativas/dia-cinema-brasileiro.htm>> acesso em novembro de 2013.

ANEXOS:

ROTEIRO VIDEOPERFIL VERY WELL

TÉCNICA :

ENTRA MÚSICA E FOTOS DE VERY WELL.

ENTRA O TÍTULO COM FUNDO PRETO.

OFF – CONTINUA FOTOS ENTRANDO E SAINDO E MÚSICA.

JOSÉ HENRIQUE NAZARETH NASCEU EM BRAZÓPOLIS, MG, EM 1935. ELE É UM DOS CAÇULAS DE UMA FAMÍLIA DE 12 FILHOS. SAIU CEDO DE CASA PARA TENTAR A VIDA NO RIO DE JANEIRO. QUANDO SOUBE DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA VIU UMA OPORTUNIDADE. PASSOU POR MUITAS HISTÓRIAS NOS BASTIDORES DO PALÁCIO DO PLANALTO, SEDE DO TRABALHO PRESIDENCIAL E ONDE TRABALHOU 51 ANOS. O COMEÇO NÃO FOI FÁCIL.

06'45" – DA FITA 02.

OFF – ENTRA IMAGENS DAS FOTOS DOS PRESIDENTES NA PAREDE DO PALÁCIO DO PLANALTO.

MESMO COMO CONTÍNUO SEMPRE TEVE ORGULHO DE TRABALHAR LADO A LADO DE PRESIDENTES E FIGURAS POLÍTICAS IMPORTANTES... ENTRA FOTOS COM PRESIDENTES.(USAR IMAGENS DE VÁRIOS PRESIDENTES, VÍDEOS ANTIGOS, ETC)

FITA 02 -- 18'32" – EU FUI PARAR NO GABINETE DO JANGO. ELE ERA MUITO BOM. COM ELE E VI A SAÍDA DELE, QUANDO ELE SAIU E TUDO.

OFF – (IMAGENS DE ARQUIVO DA ÉPOCA DA DITADURA COM MÚSICA DE GERALDO VANDRÉ)

O GOLPE MILITAR VEIO POUCO TEMPO DEPOIS DE ZÉ HENRIQUE TER COMEÇADO A TRABALHAR NO PALÁCIO.

FITA – 02 –

21'40" – GOLPE MILITAR – SE SÃO PAULO REAGISSE ELE IA SEGURAR, MAS NÃO SEGUROU

CLIPE COM IMAGENS DA DITADURA COM MÚSICA DE CHICO BUARQUE

OFF – (IMAGENS DELE FALANDO E GESTICULANDO)

COM O JEITO BOA PRAÇA, ZÉ HENRIQUE TAMBÉM CONQUISTOU OS MILITARES E CHEGOU ATÉ A BATER BOLA COM ELES.

FITA 02 –

0’44’’ – BOLA BOA A GENTE PASSAVA PARA ELES, NÃO FAZIA O GOL. EU ERA O ÚNICO NÃO MILITAR QUE JOGAVA BOLA.

OFF – COM IMAGENS DE VERY WELL DE APOIO

ZÉ HENRIQUE, EMBORA TENHA AFIRMADO QUE A DITADURA NÃO TENHA MODIFICADO A ROTINA, TORNOU-SE UM POUCO MAIS FECHADO EM CASA.

FITA 05 –

03’20’’ – SONORA ESPOSA – ELE NUNCA FOI DE FALAR NADA DE POLÍTICA EM CASA. OS FILHOS É QUE FORAM CRESCENDO E CADA UM TOMANDO SEU RUMO, AS IDEIAS. ÀS VEZES ELE FALAVA DE UM OU DE OUTRO. ULYSSES GUIMARÃES, TANCREDO NEVES, ENTÃO FORAM PESSOAS ASSIM QUE FICARAM MARCADAS PARA ELE, MAS QUE ELE MARCAVAM, DEIXAVAM ELE BEM SATISFEITO.

30’02’’ – SONORA FILHO - HOJE EU ATÉ ENTENDO QUE ELE NÃO PASSAVA AS COISAS, É UMA VELOCIDADE TÃO GRANDE DE MATÉRIA DE INFORMAÇÕES, SE NÃO VOCÊ NÃO SE DESLIGA.

OFF – USAR IMAGENS DO COMITÊ DE IMPRENSA.

E FOI COM ESSE JEITO QUE ELE CONQUISTOU A SIMPATIA DE VÁRIOS JORNALISTAS E PROFISSIONAIS DO RAMO, ALVOS DE MUITAS DAS BRINCADEIRAS QUE ELE FAZIA E DE AMIZADE.

FITA 04 – PALÁCIO – JORNALISTAS E EQUIPES NO FINAL
MÔNICA CARVALHO, GLOBONEWS –

01’32’’ – A IMPRESSÃO QUE EU TENHO É QUE ELE É UMA PESSOA MUITO ASTRAL, MUITO SOLÍCITO, DISPONÍVEL

ALAN MARQUES, FOLHA SP - 12’10’’ – ELE É UM CARA MUITO PRESTATIVO. QUALQUER COISA QUE VOCÊ PRECISASSE ELE TE AJUDA. COM XEROX.

19’11’’ – CINEGRAFISTA DA TV RECORD, JOSÉ LUIZ DE CASTRO – VERY COMITÊ ELE SEMPRE QUERIA AJUDAR A GENTE DA MELHOR MANEIRA. SEMPRE QUERIA SABER COMO A GENTE TAVA, SE PRECISAVA DE ALGUMA COISA.

06’06’’ – ANDRÉ DUSEK, O ESTADO DE SÃO PAULO – ELE TINHA UMA LINGUAGEM PRÓPRIA, FULANO NÃO TEM MUITA TIRAGEM. FULANO AINDA TEM QUE CRESCER MUITO. SEMPRE MUITO ENGRAÇADO, AGRADÁVEL.

ALAN MARQUES, FOTÓGRAFO FOLHA DE S.PAULO – 13’20” – ALGUMA HISTÓRIA – ELE CHAMAVA TODO HOMEM DE JHONNY E TODA MULHER DE MARY.. AH, COMO VOCÊ TÁ? VERY WELL, VERY WELL. E AÍ ACABOU PEGANDO O NOME DELE.

19’11 – LUIZ DE CASTRO - DEIXOU SAUDADE AQUI PARA GENTE. JÁ QUERIA OUVIR DIZER O QUE ELE TINHA. AH, DE NOVO? AAAH... ISSO AÍ NÃO TEM TIRAGEM, PIADA SEM GRAÇA...UMA PARTE MUITO ENGRAÇADA.

WILSON VENTURA, AUXILIAR TV RECORD - 22’20” – NESSES ANOS QUE TRABALHO AQUI JÁ PASSEI POR VÁRIAS SITUAÇÕES. UMA VEZ CHEGUEI AQUI COM UM TÊNIS MUITO VELHO, ELE OLHOU E DISSE QUE IA TRAZER UM SAPATO. NÃO ACREDITEI. UM CERTO DIA CHEGA ELE AQUI COM UM SAPATO. O SAPATO ERA NOVO, ELES FORAM NA LOJA E ME ENTREGOU AQUI.

ENTRA FOTOS DO ALAN MARQUES DO DIA DA DESPEDIDA COM MÚSICA DO JACOB DO BANDOLIM

FINALIZA COM VERY WELL DIZENDO QUE SENTE SAUDADE EM OFF COM AS FOTOS PASSANDO.

31’ – FUI MUITO FELIZ. AINDA TEM ELES NA MENTE.

FITA 01 - 29’58” — DIZ QUE AINDA NÃO CAIU A FICHA, MUITA SAUDADE. AINDA NÃO SAIU PRA FORA. AINDA ESTÁ PERDIDO.

FITA 05 - 10’ – VERY WELL FALA QUE SENTE FALTA DO TRABALHO. SOBE SOM E IMAGENS DELE.

ENTRAM FOTOS FINALIZANDO COM CRÉDITOS E MESMA MÚSICA.